REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 890

20 DE SETEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. SOUSA VITERBO

E' bem conhecido dentro e fóra do paiz.

Bom filho, bom esposo, bom pae, bom cidadão, o seu tempo é empregado no convivio da familia e em produzir obras de investigação que illustrem a historia da sua patria.

Nascido no Porto, e destinado á vida ecclesiastica, cedo sentiu desabrochar-lhe na alma a paixão das letras.

A poesia enlevou-o, e, coração terno e sensivel, os seus primeiros versos mereceram ser julgados riquissimos de fórma e de imagens.

Terminado o curso do seminario, sentiu-se pouco disposto a percorrer a carreira que lhe destinavam. Voltou-se para a sciencia, e como o seu natural era flexivel a qualquer ramo de estudos, seguiu o curso de medicina, e eil-o medico pela Escola Medico-cirurgica de Lisboa.

Feito algum serviço, na armada, breve, como em geral succede a todos os poetas, tentou-o a archeologia. O estudo do passado é um optimo contra-veneno, para os que tem que viver n'um meio corrupto e corruptor. Antes a traça dos codigos e o bafio dos archivos que o microbio da politica e o bafo dos politiqueiros.

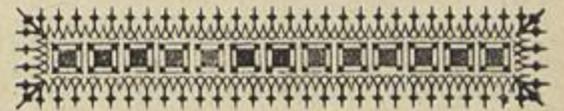
O poeta da *Virgem do Pudor* e das *Rosas e Nuvens*, converteu-se em professor de *archeologia* na *Academia das Bellas Artes*, e o scalpello que devia autopsiar cadaveres, passou a abrir codices e desflorar documentos ineditos, donde repulsaram á luz da imprensa um sem numero de monographias interessantes cheias de novidade historica e as quatro obras de maior folego: *Trabalhos dos nauticos portuguezes*, *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores*, *Arte e Artistas* e *Noticia de alguns medicos portuguezes*.

A critica achará defeitos n'estas obras, mas o trabalho tem sido colossal.

O *Diario de Noticias* de que é um dos redactores deve-lhe importantes serviços.

Tem Sousa Viterbo hoje mais de cincoenta annos consumidos em illustrar o seu paiz; infelizmente o excesso de trabalho acarretou-lhe uma doença prolongada e afflictiva, que o affasta do convivio dos archivos, posto que no seio do seu gabinete, elle não esmoreça e não deixe passar um dia sem que continue os seus trabalhos dos quaes ainda esperamos muita luz.

Oxalá o possamos ver um dia restituido, pelo menos ao goso d'outra luz que o anime a progredir no seu virtuoso caminho.

Brito Rebello.

CHRONICA OCCIDENTAL

Andaram sabios a assustar a gente, de tal forma que uma sacudidela que ha dias padeceram os edificios de Lisboa, poz em alarme grande parte da população da cidade e de toda a margem do Tejo até á torre de S. Julião.

Muito mais pequeno que o tremor de terra do mez de agosto e de muito menos duração, foi este em sentido horisontal e rachou mais alguns estuques em edificios proximos do rio.

Sentiu-se tambem muito em Cintra, mas diz-se que pouco nos outros arrabaldes de Lisboa.

A imprevidencia dos homens é sempre causa de maiores desastres do que estes desconcertos da natureza, mau grado sustos enormes que produzem. A media annual de mortes e ferimentos produzidos por vasos que das janellas caem sobre os transeuntes é muito maior em Paris — dizem-o estatisticas — do que as desgraças commettidas pelas faiscas electricas.

Desgraça de metter piedade foi a d'esses operarios envenenados ha poucos dias, pelo gaz sulphydrico dentro d'um cano no mercado 24 de julho. A tristeza de um officio, em que tão magros vintens, á custa de tamanho trabalho, podem colher, devia, pelo menos, assegurar-lhes a vida. Mas nem isso.

E' ainda signal de egoismo nos homens só poderem ser commovidos pela desgraça que os ameaça tambem. Commove mil vezes mais um incendio n'um theatro em que morreu gente que se divertia do que uma explosão de grisu no fundo de uma mina em que dezenas de desgraçados operarios ganhavam o pão de cada dia.

E d'este egoismo resulta a maior das injustiças.

Calamidades não são apenas a peste, a fome e a guerra e suas fieis irmãs. A maior de todas é a indifferença dos homens por aquillo que lhes não toca de perto.

As tres de que falámos, e cujos nomes vulgarmente se juntam, ao pensar em qualquer d'ellas, como se fossem irmãos siamezes, tambem agora deram assumpto a varios artigos e conversações, sobre tudo a fome.

No Colyseu dos Recreios realisou-se o grande festival, cujo producto reverteu a favor dos famintos de Cabo Verde. Uma bucha de pão a cada um dos mais necessitados dar-lhes-ha forças para esperar tempos melhores e que se estude a maneira de evitar a repetição de eguaes miserias.

Palliativos. Com elles não se evita a guerra e a Liga da Paz tem por exemplo dado fraquissimos resultados. Ahi a temos de novo a ameaçar-nos na Europa, com maior certeza que a das prophecias dos sabios prevendo terremotos.

Palliativos não os ha, pelo contrario, só se forem os armamentos com que os differentes estados vão arruinando as riquezas do povo e inutilisando os melhores de seus braços. O velho dictado «*Si vis pacem para bellum*» parece que nunca teve tanta applicação como agora. Até nós nos preparamos, e ahi anda o nosso exercito em manobras.

Para a ellas assistir partiu para Vianna do Castello El-rei sr. D. Carlos, que na pittoresca cidade do Lima, uma das mais bellas do nosso paiz, foi recebido com enthusiasticas festas.

Carreira de tiro, jantares, illuminações, serenatas no rio, fogos de artificio, nada tem faltado para chamar concorrencia á capital do districto. Bastará dizer-se que em poucos minutos foram alugadas aos espectadores as mil cadeiras que o Asylo de Caridade mandou para a Avenida Camões.

El rei partiu quinta-feira de manhã cedo, em automovel, para as manobras que se realisaram sob a direcção do sr. general Cibrão.

O povo do Minho é o mais alegre de todo Portugal e elle, concorrendo aos locaes do bivaque, tudo animou, dando-lhe a apparencia de um formosissimo arraial.

O tempo tem sido esplendido, muito ajudando para que tudo haja corrido na melhor ordem possivel.

Anda muita gente ainda veraneando pelas formosas praias do Minho, e muitos d'esses tambem agora concorreram para trazer a Vianna maior animação, misturando-se aos lenços vistosos das lavradeiras, os chapéus da ultima moda de Paris e aos grossos cordões e corações de filigrana as joias discretas das elegantes e os brilhantes insolentes das enriquecidas.

Mas não é só no Minho que vae agora grande azafama. Todo o campo n'este mez se anima com o mais alegre dos seus trabalhos. As uvas estão maduras e por toda a parte as vindimas começaram.

Se queres paz, prepara-te para a guerra, diz o dictado latino que citámos, primeiro pronunciado por um dos maiores generaes dos tempos antigos. Preparativos de guerra nos dêem paz e de paz tratemos agora.

Não ha nada no mundo que d'ella nos dê maior impressão do que os trabalhos do campo, os seus amanhos, sua cultura, o recolher dos seus fructos.

Trata-se da uva agora, ultimo trabalho na vinha que tantos cuidados merece ao lavrador. Tantos inimigos ella tem que parece destinada a acabar na terra e é já sua vida artificial. Cada anno lhe apparece um inimigo novo, que é preciso combater. Uns atacam-lhe as raizes, outros as folhas, outros não se contentam com menos do que com o proprio fructo. E os ingredientes com que hão de anniquilal-os são muitos, são muitos os instrumentos de que é preciso fazer uso.

Todo o anno é forçoso cuidar da vinha. Apenas ella deu seu fructo, é logo pensar na colheita do anno seguinte. E nem sempre ella agradece os cuidados, nem sempre o resultado compensa o viticultor dos seus trabalhos.

Este anno, ainda assim, não foi tão desgraçado como o prophetisavam lavradores agoirentos. Nem as chuvas do fim do inverno prejudicaram os cereaes tanto como das queixas se inferia, nem os calores de agosto deram cabo de todos cachos como por ahi se lamentava.

As vindimas lá vão indo e se o anno para o vinho não foi de vaccas gordas, é certo que o pesadelo das vaccas magras foi sonhado por doentes de figado que tudo vêem negro.

Animam-se os campos com os trabalhos dos grandes ranchos, curvados sobre os cachos maduros com que vão enchendo os cestos vindimos, depois despejados nas dornas. Pelos caminhos vão lentamente rodando os carros carregados e no lagar os homens descalços e de perna á vela já vão pisando as uvas.

Ainda o campo se animou com a abertura da caça, de que ha abundancia. Rolas, em certos sitios, são quantas os caçadores quizerem. E lebres e perdizes e coelhos não faltam e vemol-os suspensos a tiracolo, nos viajantes que os comboios da noite trazem d'esse Ribatejo para Lisboa.

Nem sempre os matam quem com elles vem fazendo figura; mas sempre dão seu contentamento.

Os caçadores costumam ser mentirosos e parlapatões como o barão de Munchausen de tão divertidas aventuras. Não faltam portanto agora historias divertidas de tiros pasmosos e de cães de admiravel faro. Tudo isso entretem e melhor ha de entreter os bons cavacos á noite, quando o inverno chegue, e ao lume alegre da lareira se estenderem as botas encharcadas. A ceia não tarda e, emquanto ella se prepara, vae-se mentindo, inventando façanhas.

Das praias é que muita noticia continua chegando, como sempre é de uso n'este tempo. A Figueira, Espinho, a Granja, Ancora, Estoril e Cascaes dão muito mais que fazer aos chronistas que as ruas solitarias de Lisboa e a tristissima Avenida onde já começam a amarellecer as folhas das arvores.

O theatro da Trindade abriu com mais uma representação da *Capital Federal* e teve uma enchente á cunha.

Eis a unica noticia que os theatros de Lisboa nos fornecem, indicativa que a epoca de inverno já vem perto. Mais nada.

Praias e mais praias é o em que os lisboetas pensam, uns que querem partir, outros que para lá partem em sonhos.

A respeito do jogo trouxeram os jornaes alguns telegrammas. A demissão pedida pelo commissario de policia de Coimbra, major sr. Pinto da Rocha, diz-se ter sido motivada pela tolerancia do jogo, na Figueira, contra o seu parecer.

O que se vê é que, ás claras ou ás escondidas, o jogo continua.

Quem corre por seu gosto não cança. O preciso é não ter gosto em correr.

João da Camara.

Caldas da Rainha e coisas caldenses, ab ovo — e de corrida

Dáta de 1484 a fundação do Real Hospital Thermal das Caldas da Rainha.

Fundadora a benemerita Rainha D. Leonor, santa esposa de D. João II; a qual dotou aquelle pio e salutar estabelecimento com rendas sufficientes para o guisamento das obras de caridade a que o votou. Foi fundado sobre as ruinas d'outro estabelecimento ali existente não se sabe desde quando. Pode verificar-se isto do que diz o breve pontificio passado por Alexandre VI no primeiro de Julho de 1487, e que começa assim:

«Dilecta Filia Eleonora Regina Portugalliae veniam nostram petiit, ut certa *balnea destructa, et ferè totaliter ruine facta*, quae ab defectum mantionum etc.» Citarei tambem a provisão de D. João II dada em Beja aos 4 de dezembro de 1488, onde se lê o seguinte:

«Qui quidem Aegrotantes cum nullam Hospitalitatem adinvenissent, nec apta domicilia, ut in balneis possint immerari ob oedificia antiqua penes solo aequata, etc., etc.»

Entregou a santa fundadora a administração do Real Hospital aos Conegos Seculares de S. João Evangelista, que d'isso cuidaram durante cerca de tres seculos.

Em 1742 vindo D. João V ás Caldas a tratamento thermal mandou a reedificação do que estava, e foi tudo feito e perfeito á D. João V.

Não sei bem se no que actualmente resta de esta reconstituição ainda conserva umas bellas inscripções latinas... El-rei D. José reformou o compromisso directorial corrigindo abusos de administração da fazenda do Real Hospital; deu-lhe novas rendas, augmentou-lhe o pessoal douto e serventuario, e nomeou o primeiro director (chamava-se-lhe então «provedor») d'aquelle estabelecimento.

Pelo que tudo aquillo passou da administração dos Conegos Seculares de S. João Evangelista para a immediata nomeação régia. Hoje tudo aquillo pertence ao Ministerio do Reino.

Ha cerca de 10 annos D. Rodrigo Berquó começou a pôr uns accrescentos n'aquillo tudo... e o actual senhor director do Real Hospital cuida de não sei quantas coisas mais... e acho que de todos o intento tem sido ampliar e melhorar a bella obra da santa e benemeritissima instituidôra. Não é para aqui a critica do que se fez e do que se poderia ter feito, e do que se deveria fazer. Sou um noticiarista, aqui, nanja coisa que a fóra d'isto vá. Tem o Real Hospital a sua capella, que tambem é parochial da freguezia das Caldas desde o primeiro terço do seculo XVIII. E' uma bella joia manoelina, esta capella, com a respectiva torre. Joia *Manoelina*, do *Manoelino* sóbrio, que o outro, rebrincado, e enflorado em demasia, não é *Manoelino*, é *Manelzinho* como dizia um assaz competente artista technico, e notavel critico de architectonica. E' coisa mui de se vêr esta capella e respectiva torre.

D'onde veio, como nasceu, como começou o a que hoje se chama Caldas da Rainha?

«Onde nasceste... ó bella, rosa singella?»

como diz o meu inolvidavel patricio Thomaz Ribeiro, que já está com Deus.

O que importa isso. . Foi um ingrato e um rebelde o primeiro casal, do genero humano progenitor...

Foi d'um par de filhos das ervas, *doublés* de bandoleiro como agora se diz, que surdiu Roma e o mais collossal impório e imperio de que resa a historia. O que tem lá a humildade do berço com as grandezas da existencia, que não seja a meritorear mais essas grandezas, se do labor e honra advieram?!

A pedido da Santa da D. Leonor deu D. Manoel foral de villa ás Caldas da Rainha, e é de então que verdadeiramente data a edade historica da bella villa.

Tem esta seguido como um satélite sempre as altas e baixas do Real Hospital, que foi quem a vitalisou, e é quem sempre a vitalisará.

Tem annexos ao Real Hospital. um á cabeceira, outro aos pés, os dois bellos parques que sempre conheci pelos nomes, aquelle de «A Matta», este de «O Passeio da Copa».

A' Matta cuido que lhe chamam agora Tapada.

Chamam-lhe coisas! fazem-lhe coisas...!!...

Disposta em suave declive tem extensa área, e soberbos pontos d'onde se podem gosar as explendidas vistas das cercanias Caldenses até á Lagoa e mar, até á fertil e pinturesca Obidos e Sezarêda, e Roliça, e pico da Columbeira...

Quantos nomes a evocarem paginas tão bellas da patria historia ..!

E Gaeiras tão conhecida pela nomeada que lhe tem dado a casa dos Pinheiros, actualmente representada pelo notavel vinifactor e viticultor, sr. José Pinheiro.

E Quinta das Janellas tão conhecida pelas suas bellezas ruraes e urbanas, pelas suas aprazíveis mattas, pelo seu terraço onde tantas vezes a parte selecta dos veraneantes caldenses passou bellas horas em merendas (pic-nics), e mais coisas de alegrar a vida e dulcificar mais ainda a tão agradavel veraneação caldense.

E o convento dos Arrábidos, de S. Miguel, cuja egreja que tão bellamente restaurou o sr. Luiz Gama, incipiente mas já notabilissimo lavrador e ganadeiro, grande amador de todas as coisas do *sport*, (lá vae mais um!) Mas se vou a escrever em portuguez sou desentido por archáico!...

São realmente explendidas as vistas a gosar do alto da Matta — a Tapada — como agora lhe chamam aquelles a quem alguem quereria dizer — bem tapadas me parecem...!

O Passeio da Cópa (Parque), é bello, commodissimo para o diurno passear mesmo na hora do maior calor, de bem arvorisado que está. E a sua primorosa alamêda Andrade?! Que dois renques de plátanos quasi seculares, tão bellos, tão eguaes, que mais parece aquillo decoração scenica de theatro do que realidade embelecedóra d'um passeio!

E por ali, á sombra passa-se o calôr sem que por elle se dê... E' um encanto. Tem um lago tambem este Passeio da Cópa.

E as creanças, e os amadores do *sport* aquatico, lá teem os barquitos...

Remar é um dos mais proficuos exercicios corporaes. E fazem por lá regatas, serenatas... tudo muito de divertir, muito de se ver, ouvir e admirar.

Tem os velhos jogos da bolla e chinquilho, tão portuguezes; e nóvos *Tenis*, *croquet*, etc. etc. E tem a barraca do saloio, *feita por o Bordallo*. e está dicto tudo a respeito da belleza da gentil barraquinha, onde o respectivo e tão notorio como querido e amabilissimo saloio nos proporciona, como elle diz, bons tabacos, magnificos refrigerantes... Este typo caldense, o saloio, merece mensão especial. Ha de tel-a, que é um benemerito. E tem o Club, o ceu de vidro... e disse. No Club, bilhares, jogos e piano; á noite sextéto magnifico, danças.

Nos mezes de agosto e setembro durante tres horas de tarde, toca deliciosamente a banda municipal de Lisboa. *Et voilá, tout ou presque.*

Tem um magnifico mercado e praça de peixe, e de tudo o mais quanto seja necessario para abastecimento das melhores casas e mezas, a preços muito rasoaveis. Tem magnificas mercearias. Tem má carne de vacca, por via de regra, mas muito boa carne de porco e de carneiro, e por vezes de vitella. E' emfim uma praça farta e rasoavel de preços.

Tem lindissimos arredores, desde a Lagoa essa joia, até Obidos esse Portugal velho, tão respeitavel e serio, tão repleto de recordações historicas, e coisas da arte portugueza. Tem a tão aprasivel estrada para S. Martinho, que é um encantador portinho de mar e terra balnear.

E o passeio a Bombarral com umas demóras amerendadas na Granja ou nos Loridos, lindas quintas, com deliciosas mattas, e uns proprietarios que são a amabilidade personificada.

E a digressão pela estrada dos Vidaes, ridente valle, enxerto minhôto posto na paisagem extremenha.

E ás Bocas de Rio Maior?

E as digressões á Nazareth, Alcobaça, Batalha, Leiria, Marinha Grande... Quem ha ahi que portuguez seja e não sinta a alma e o coração impa-rem-lhe de gloria perante Alcobaça, Aljubarrota e Batalha?!

Tudo quanto ha de mais facil esta visita aos predictos grandes monumentos nacionaes, estando-se nas Caldas.

Finalmente:

Não conheço sitio de veraneação que perfaça melhor o seu fim do que as Caldas da Rainha. Tem tudo! E agora até tem os primores da ceramica de Bordallo Pinheiro, cuja influencia sobre o progredir n'este ramo da arte e industria se nota em todas as lojas onde se encontram bonécos das caldas!

E aqui tem, meu bom velho amigo, uma semelhança do que me pede na sua amavel carta. Quando a recebi vinha de prégar na festa do historico cyrio é voto obidense á Virgem Nossa Senhora de Nazareth, no seu grandioso e tão bello santuario do sitio, sobre o promontorio da sacra lenda. Conhece os versos do mestre, do grande Castilho.

—Frescas manhãs de setembro
quando o orvalho está a cair;
Manhãs frescas de setembro
—quem as poderá dormir?—

Que delícia de singeleza do dizer popular aliádo á mais dôce poesia religiosa!

Na quarta-feira ás seis da tarde começou comigo uma cólica que curti como pude até ás dez horas da manhã de quinta-feira. Na sexta-feira parti para a Nazareth, e preguei na festa do cyrio *ut supra*.

Hoje, sabado, 12, puz-me a escrever o que ahi vae. Tenha paciencia. Nem sei como pude prégar, nem sei o que para ahi lhe escrevi! Ha tres dias o meu alimento tem sido alguns ovos, apenas quentes e uns caldos muito simples! Calcule.

Para *mens sana*, é requisito indispensavel o — *in corpore sano*

Desejo porém ser-lhe sempre agradavel... Dou o que tenho, não posso ser a mais obrigado. Deveria dizer que se a gente da bella Villa das Caldas se ajudasse um pouco no concorrer para uns divertimentos e mais atractivos captadores ou veraneantes, áquella lindissima villa, correriam para lá muitos dos que lá por fóra têem muito dinheiro, e gostam de o gastar em veraneações aprasiveis... Ha por lá ainda muito que civilisar, e que fazer... Talvez venha com o tempo e com a boa orientação directoria do Real Hospital e da gente da villa.

No entretanto o que ha, e já é bastante, visto que a materia prima de tudo aquillo não póde ser melhor, já ali atrahem a enorme concorrencia que lá se viu nos mezes de agosto e setembro. E poderia ver-se em mais dois mezes, se...

Mas eu não posso mais... e estou a massar-vos.

Seu velho amigo

Obidos, 12-9-903. *Padre Antonio.*

ARTES E ARTISTAS CONTEMPORANEOS

Um livro de Ribeiro Arthur; o terceiro que, sob o titulo acima, publica. E, como que, a historia contemporanea da arte e artistas portuguezes.

E que pena o auctor terá de não professar a arte que lhe transborda d'alma e enche o coração.

RIBEIRO ARTHUR

Como elle aproveita as poucas horas que lhe deixam as suas obrigações militares, e devaneia sobre o cartão, ora com o lapis, ora com o pincel desenhos e aguarellas em que predominam typos e uniformes do exercito, antigos e modernos, sujeitando a sua alma de artista ao rigor das linhas de uma prozaica barretina contemporanea, ou ás desengraçadas polainas de coiro que transformam as tibias do soldado em pernas de elephante.

Antes os uniformes antigos; esses sim que mais se ataviavam com arte, dando aspecto marcial ao soldado, que até de um parecia fazerem dois, com aquellas respeitaveis barretinas e penachos, como baluartes ambulantes que se impunham e apavoravam as gentes, pesadas, mas heroicas, que só para as envergar era preciso coragem, e não havia capitão-mór que não se sentisse heroe dentro das suas botas de cano ao joelho, farda de compridas abas, na cabeça grande chapeu armado de penacho erguido, e empunhando o alto bastão auctoritario.

Como era pittoresco! Se era! Ribeiro Arthur bem o sabe porque o pintou n'uma aguarella, como muitas outras que tem feito e formam uma collecção estimada dos uniformes antigos.

Mas não pára por aqui o artista; a sua devoção vae mais longe, chega ao fanatismo. Não lhe escapa coisa d'arte que possa interessar o seu espirito.

Tudo vê; tudo sente; tudo critica.

Conhece os artistas; honra-se com a amisade de muitos; com elles alegra-se dos seus triumphos; com elles soffre dos seus desastres.

Deixa então o lapis e o pincel e empunha a penna de critico.

Assim vae escrevendo do que se passa n'este mundosinho d'arte portugueza. Sempre mais benevolo do que severo, porque lhe quer muito, e quando chega a descarregar o latego, é que o attentado é imperdoavel.

Conta-nos dos artistas, das suas obras. Monographias que vae archivando nas paginas dos seus livros, como outros tantos subsidios para a historia.

N'este volume escreve de Ferreira Chaves, um artista de raça que, como Lupi e não sei quantos mais, teve que pedir á manga de alpaca, o que a paleta não lhe dava. Morreu em professor de pintura historica da Academia, o que, se para elle foi uma gloria, para a arte foi pouco, pelo muito que lhe poderia ter dado.

FERREIRA CHAVES

De Manuel de Macedo nos diz muito nas poucas paginas que lhe dedica. Este conhecem-no de mais perto os leitores do OCCIDENTE, de que elle foi um dos fundadores. Conhecem este artista quasi encyclopedico. As suas composições originaes, historicas, os seus desenhos de paisagem, de architectura e decorativos, que todos lhes são familiares, graças ao seu raro talento e profundos conhecimentos technicos e etnographicos.

MANUEL DE MACEDO

E assim diz Ribeiro Arthur no seu livro:

. . . .

«Ninguem entre nós melhor que Manuel de Macedo recompõe uma epoca do nosso passado; tem estudado a vida portugueza em todos os seculos da sua existencia, conhece-a no que tem de mais intimo, nos seus costumes, no seu mobiliario, o que elle não conhece é o cançasso na velhice assim como não conheceu o desalento na mocidade. Trabalhar, trabalhar ainda, trabalhar sempre, é a sua divisa.

A sua consolação é, disse-me elle um dia bem satisfeito, ter rabiscado tanto papel, tanta chapa de buxo para gravura, tanta tela scenographica, etc., que o total estendido em superficie ao comprido, transformado em ponte lhe facultaria um passeio a pé enxuto pelo menos até aos Açores.

Seu irmão Henrique de Macedo, lente de mathematica na Escola Polytechnica, par do reino, ministro d'estado e mais tarde conde de Macedo e nosso ministro plenipotenciario em Madrid, foi tambem um trabalhador que não desdenhou de firmar com o seu nome as magnificas traducções d'alguns dos mais notaveis romances de Julio Verne.

E' ainda uma honra para o nobre espirito independente de Manuel de Macedo o ter sabido resistir ás seducções que a situação politica do irmão podia offerecer-lhe, dados os exemplos, tão frequentes entre nós, dos homens d'estado considerarem o paiz como apanagio dos seus.

Cercado de respeitosas sympathias vae vendo correr os annos, tem assistido feliz ao desenvolvimento moderno da arte em Portugal, os conselhos da sua erudição impeccavel, auxiliando muitas vezes os novos hesitantes. Agora, já passados os sessenta, iremos encontral-o, como nos annos de maximo vigor da vida, descançando dos seus trabalhos de publicação illustrada, tomando apontamentos para algum livro de vulgarisação artistica ou polindo alguma formosa traducção litteraria, e pegando novamente no lapis para repousar a penna.

O trabalho desanda em vicio, diz como desculpa, é a mordedura da tarantula.»

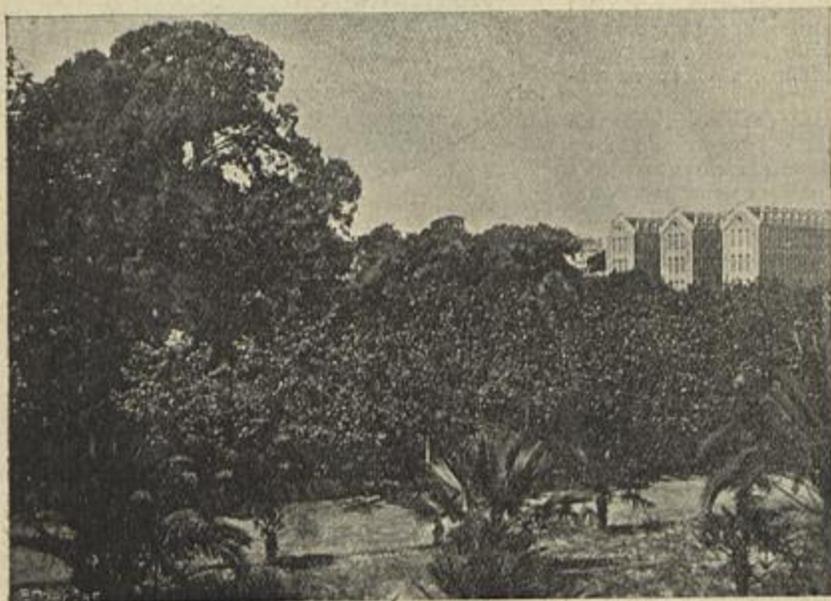
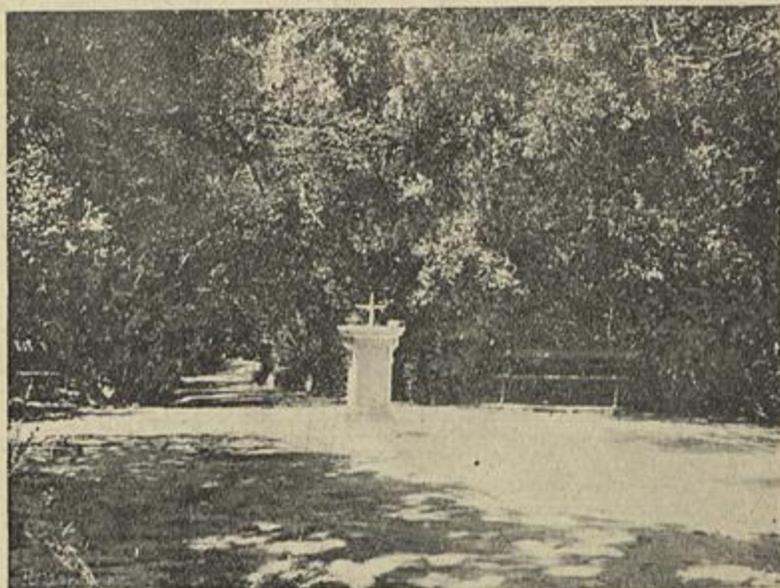
De Ernesto Condeixa, o auctor do quadro *D. João II ante o corpo inanimado de seu filho o infante D. Affonso*, que o OCCIDENTE reproduziu ha annos, em gravura, faz Ribeiro Arthur justa apreciação aos trabalhos do artista, que são muitos e em variados generos de pintura, sempre consciencioso e correcto, e remata com estas palavras:

. . . .

«Bastante moço ainda, dotado de muita actividade, extremamente methodico e consciencioso nas suas investigações, Ernesto Condeixa não

ERNESTO CONDEIXA

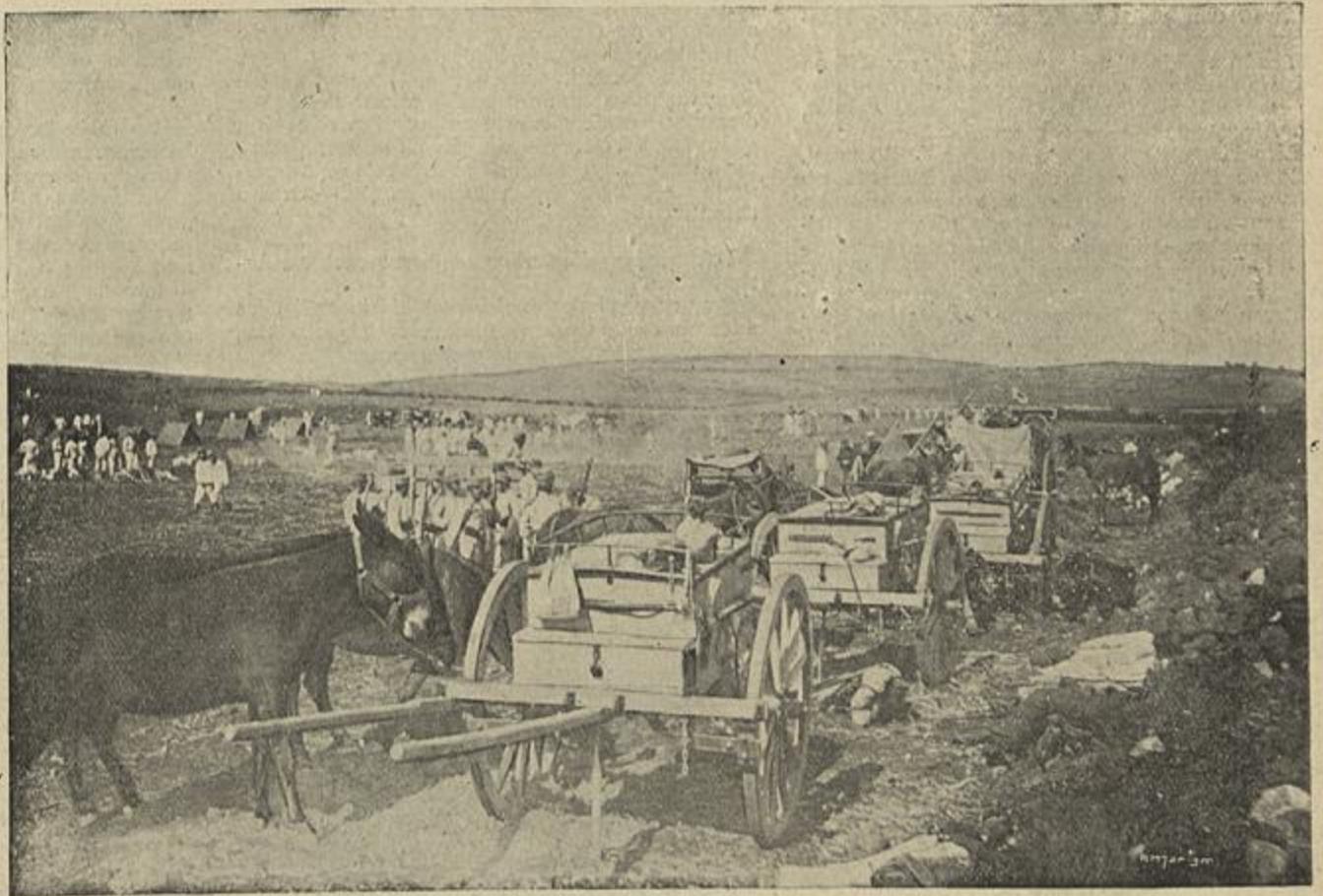
disse ainda a sua ultima palavra. Recreando-se no estudo da natureza de que nos reproduz ás vezes tão attrahentes aspectos, o seu espirito intelli-

PRAÇA E MERCADO

PAVILHÕES DO HOSPITAL

TAPADA DO HOSPITAL

PARQUE

CALDAS DA RAINHA

(Photographias do sr. F. A. da Silva Braga)

ASPECTO DE UM BIVAQUE EM VARGE MEIRINHO

BIVAQUE DE INFANTERIA EM VARGE MEIRINHO

AS MANOBRAS MILITARES DO OUTOMNO — Vid. *Chronica Occidental*

gente não esquece o nosso passado historico, de que tem desvendado recantos, e do qual alguma grande ou commovente pagina fará ainda reviver na téla.

A historia da nossa patria abunda em lances dramaticos como aquelle que serviu de thema á obra prima de Condeixa e que tão singularmente impressionou a sua sensibilidade artistica.[1]

Esse rico manancial fertilizando a inspiração do pintor, produzirá formosas creações, se elle encontrar um assumpto, que, como a tragedia do grande rei, consiga emocionar-lhe profundamente a alma.»

Outro artista muito conhecido de nossos leitores por sua antiga collaboração no OCCIDENTE é Christino da Silva, cujo nome confundindo-se assim com o de seu pae, não deslustra este, por que, como bem diz Ribeiro Arthur: «É velho dictado portuguez: filho de peixe sabe nadar».

E sabe; tem-o manifestado em suas varias aptidões artisticas, quer com os pinceis, quer com o buril, quer com o lapis. A pintura, a gravura, a lithographia tem tido n'elle um devotado cultor.

Com verdade diz o auctor da *Arte e Artistas Contemporaneos:*

. . . .

«Junta este artista aos seus meritos profissionaes uma vasta illustração, que eleva muito o bom conceito em que é tido. Graceja sobre este assumpto attribuindo essas vantagens á memoria, de que realmente em notavel grau dispõe, e ao habito da leitura que lhe ficou de pequeno, quando devorava a Biblia, a Historia Universal e as Viagens de Julio Verne; a verdade porém é que Christino possue clara intelligencia, viva curiosi-

[1] Allude ao quadro a que acima nos referimos.

CHRISTINO DA SILVA

dade de espirito e excellente criterio d'estudo; d'ahi provem a solidez dos seus conhecimentos.

Todas estas qualidades o indicavam idoneamente para o logar de professor que primeiro desempenhou na *Escola de Desenho Industrial Domingos Sequeira*, em Leiria, para a qual foi nomeado em 1889, passando depois a director. Durante seis annos n'aquella escola ministrou ensino e conseguiu vel-a notabilisar-se entre as suas congeneres e fazer boa figura nas exposições do museu industrial de Belem. Foi por este tempo recompensado officialmente por distincção de serviço e louvado em portaria publicada no *Diario do Governo*, assignada pelo conselheiro Bernardino Machado, um dos nossos ministros que mais se tem preoccupado com assumptos d'instrucção.

Tendo pedido a sua transferencia para Lisboa foi, em 1894, para a *Escola Rodrigues Sampaio*, e, em 1896, para a *Escola Marquez de Pombal*, em Alcantara, onde se conserva.

Licenciado de 1899 a 1901 sahiu de Portugal, indo ao Pará organizar o ensino industrial no *Instituto Lauro Sodré*. Do perfeito relatorio que apresentou sobre a sua direcção n'aquelle instituto se deprehende a proficiencia com que organizou e dirigiu ali o ensino profissional. Difficuldades administrativas não permittiram que completasse o tempo do contracto e regressou a Portugal tendo recebido os maiores testemunhos de consideração, e confirmando o seu talento de pintor com algumas boas télas.

Caracter amavel e attrahente o de Christino, é o seu maior prazer o occupar-se de assumptos artisticos, todas as manifestações d'arte o attrahem, litteratura e musica ambas teem para elle encantos e preenchem-lhe os momentos que os seus trabalhos nas artes do desenho lhe deixam vagos.»

Agora nos falla de um novo já mais conhecido no estrangeiro, por suas obras do que, talvez, em Portugal.

FERNANDES DE SÁ

Fernandes de Sá é o nome do novel artista, que principiou por onde muitos não acabam, pois que suas obras de esculptura já figuraram em exposições estrangeiras onde foram premiadas, e o governo de França lhe adquiriu um estudo de cabeça de — *Velha* — em bronze, para um dos museus d'arte de Paris, como dá noticia Ribeiro Arthur.

Mais nos diz que uma outra obra de Fernandes de Sá, um busto — *Desafio* — exposto no *Salon*, foi depois enviado pelo auctor a uma exposição de Monaco, e é hoje propriedade de um amador.

E' ainda durante os estudos em Paris que elle produz uma bella esculptura — Rapto de Ganymedes —, premiado na exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, e a prova final — *Beijo Materno* — obras que o OCCIDENTE reproduziu em gravura no n.º 820.

Fernandes de Sá nasceu na freguezia de Avintes — Villa Nova de Gaya — por 1874, e actualmente reside no Porto, tendo-o a Academia de Bellas Artes d'aquella cidade nomeado academico de merito.

No livro, que vimos folheando, encontra-se ainda a seguinte grata noticia a respeito d'este artista:

. . . .

«Actualmente occupa-se de estudos para a estatua de — *Camões* — destinada a uma das salas grandiosas, que sob a intelligentissima direcção do sr. general Castelbranco, se estão organizando no museu d'artilheria e onde devem ser expostos os uniformes usados pelo nosso exercito desde a organização militar do conde de Lippe, no tempo de Pombal.

A sala que dará o logar d'honra á estatua do cantor da epopeia portugueza, é decorada com *panneaux* pintados por Columbano e representando episodios dos Lusiadas.

Emprehendendo dar ao nosso museu de guerra, toda a grandeza compativel com os meios de que para esse fim dispõe, desejando tornal-o digno de uma nação civilisada que respeita as suas recordações historicas e os tropheus das suas glorias passadas, o general Castelbranco procura tambem que as decorações das novas salas sejam o mais artisticas possivel. Na porta d'entrada uma soberba allegoria da guerra por Teixeira Lopes, dá logo uma idéa da magnificencia do interior.

A' inspiração de Fernandes de Sá foi confiada a estatua de Camões, e este trabalho absorve hoje inteiramente o espirito do moço esculptor, que n'uma febre de composição accumula estudos, *maquettes*, tendo o fito de tornar a sua obra o menos banal, o mais esculptural que lhe seja possivel. D'entre esses estudos ha um que parece ter a inteira approvação do artista e que representa o — *Poeta depois do naufragio*. — Será o definitivo?»

Dez paginas d'este livro dedica o auctor a Arthur Loureiro.

Que recordações duplamente gloriosas ligadas a este artista, pela tenacidade com que luctou, pela forma por que honrou seu nome.

Ainda nos lembra um celebre concurso de 1879, aberto pela Academia de Bellas Artes de Lisboa, para pensionista de pintura no estrangeiro, celebre pela polemica que levantou na imprensa, em que tomou a melhor parte Urbano Loureiro, no *Diario da Tarde*, defendendo seu irmão Arthur, um dos concorrentes.

Tambem o OCCIDENTE, no seu segundo anno, se occupou d'esse concurso.

Ribeiro Arthur recorda a grande lucta que Loureiro sustentou para seguir sua carreira, e relata os seus triumphos de artista.

ARTHUR LOUREIRO

...«Arthur Loureiro honrou o seu paiz durante a sua longa ausencia no estrangeiro pelo valor do seu trabalho. Em Paris, nos annos do estudo, foram bem recebidas no *Salon* as suas obras, tendo ali exposto paysagens, quadros de costumes, e o retrato de — *Trigueiros Martel*.

Em Melbourne trabalhou muito como artista e como professor, tendo occupado n'aquella cidade o logar de director e de professor de primeira classe das classes de desenho e pintura do *Presbyterian Ladies College*, onde se dedicou com particular interesse d'artista ao estudo e á pratica das artes decorativas, e exerceu tambem, por nomeação do governo, o cargo de examinador das classes d'arte da *National Gallery of Victoria*.

E' um trabalhador infatigavel e tem concorrido com os seus quadros a varias exposições no estrangeiro, tendo sido cinco vezes premiado. Em 1899 na *Greater Britian Exibition at London* onde expoz — *A morte de Burk* — obteve um diploma d'honra e a medalha d'ouro. A sua — *Visão de Santo Estanislau* — foi-lhe adquirida pela *Galeria de Melbourne* por 300 libras; e este quadro, recebeu n'uma exposição d'arte religiosa, na Belgica, as mais lisongeiras apreciações da critica.

A Galeria de Melbourne adquiriu um outro quadro de Loureiro — *Um cão de S. Bernardo* — e a de Sanderstan outro — *Tigres*.

Já depois da sua volta a Portugal recebeu a noticia de ter sido nomeado academico de numero da Academia de Victoria, honra que pela primeira vez aquella corporação concede a um estrangeiro.»

Como se vê, Arthur Loureiro, ausente do seu paiz vinte annos regressou ao torrão natal.

Acossado pela doença veiu procurar nos ares patrios retemperar a saude.

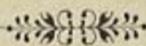
Acompanhamos Ribeiro Arthur nas boas vindas que dá ao notavel artista.

«Com os velhos amigos de Loureiro, nós folgamos com o seu regresso e desejamos que a vida lhe decorra tão fagueira na terra patria, que não possam visital-o saudades das regiões affastadas a que o destino prendeu os fecundos annos da sua juventude.»

Por mais de duzentas paginas vae divagando Ribeiro Arthur sobre coisas d'arte, com bom criterio, ora severo, ora benevolo, mas sempre justo; interessando aos artistas e d'estes revelando ao publico muito trabalho, tanta vez perdido na indifferença geral, ou superficialmente apreciado na imprensa diaria, quanta vez criticado com mal disfarçada paixão, ou inconsciencia de importunos parasitas, tão inuteis para a vida como perniciosos para os que trabalham e produzem.

Diz o auctor que se apressou em publicar este terceiro volume, porque ninguem póde contar com o dia de amanhã.

E' bem certo isso; mas que tenha muita vida e não esmoreça no proseguimento da sua obra, sobre todo o ponto de vista interessante, é o que desejamos.

C. A.

O SEGREDO DE CLOTILDE

(Continuado do n.º 889)

VII

Pelas cinco horas foram chegando os convidados, a principiar pela mãe de Clotilde.

A sua qualidade na familia permittia-lhe a sem cerimonia de vir mais cedo, pois o jantar seria para as sete horas.

A D. Jesuina era senhora respeitosa, mui discreta na edade, como quasi todas as damas e, apesar de ter uma filha, a mais velha, que não occultava os seus 30 annos, a D. Jesuina atalhava sempre, que casara muito novinha, fôra fazer os quinze annos ao poder do seu marido, que Deus haja em santa gloria.

Era um homem como não havia outro, e por isso se conservava viuva, que decerto não lhe havia faltado quem a quizesse.

Se isto era verdade não o podemos affirmar, mas a preoccupação da D. Jesuina em acudir pela edade, o seu dispendio de tocador, e os arrebiques da moda com que se enfeitava, estavam em contradição com as suas palavras, parecendo antes pretender agradar, do que viver na contemplação saudosa de seu defuncto marido.

Quando a D. Jesuina entrou com a filha mais velha logo lhe pareceu notar qualquer novidade, pelo ar distrahido com que Alfredo lhe fallou, á entrada e se foi para o quarto.

Não estava costumada a ser assim recebida,

tanto mais n'um dia d'aquelles, em que vinha toda arrebicada que nem um figurino da ultima moda.

Clotilde, vindo ao encontro da sua mãe, lançou-lhe os braços ao pescoço com tanta vontade n'um amplexo filial, que até amarrotou o *fichu* e fez desconcertar o chapeu na cabeça da auctora dos seus dias.

Nunca acontecera isto, pensou D. Jesuina.

— O' filha, que me afogas.

— Deixe-me abraçal-a bem apertada, continuou Clotilde n'um impulso nervoso.

Ella sentia a necessidade d'aquella expansão, desde a vespera, em que, pela primeira vez, seu marido lhe recusara um abraço.

— Que tão expansiva estás hoje, filha; observou-lhe a mãe, compondo o *fichu* e accomodando o chapeu que lhe ia saltando da cabeça. Antes assim, continuou, já que teu marido me recebeu tão friamente, concluiu com intenção.

Mas Clotilde abraçava, não menos effusivamente, sua irmã, que lhe correspondia, sem protesto, ainda que um tanto admirada d'aquelle excesso fraternal.

— Porque não vieram mais cedo; eu estava tão só, lamentou Clotilde.

— Não tinhas cá teu marido? acudiu vivamente D. Jesuina, seguindo sua filha para o quarto de vestir, onde se sentou, preparando-se para ouvir alguma extranha revelação.

— O Alfredo anda hoje muito preoccupado, ainda me não deu palavra; mas aquillo passa, disse Clotilde com um sorriso, que duas lagrimas balouçando em seus lindos olhos, atraiçoava.

A D. Jesuina sentou-se melhor e apoiando as mãos sobre os joelhos, preparou-se para um interrogatorio em fórma.

— Mas que aconteceu, dize, que já não sei o que pensar d'aquelle doidivanas.

— Menos isso, atalhou Clotilde, o Alfredo tem sido sempre muito meu amigo, e se hoje está assim, eu é que tenho a culpa.

— Sim, sim, porque o tens deixado á solta. Ah! os homens é preciso não os deixar pôr pé em ramo verde, como eu fazia a teu pae, e por isso elle tambem não via outra cousa no mundo que sua mulher. Um santo, suspirou.

— Mas o que a mãe está já ahi a aventar. Nada d'isso é. O Alfredo ainda não faltou aos seus deveres.

— Não tardará que falte, interrompeu pressurosa a D. Jesuina. Assim é que se principia.

Mas a irmã de Clotilde acudio em defeza dizendo: não sabia porque a mãe estava sempre contra os homens, quando tinha tido um marido tão bom. Por causa d'essa intransigencia é que ella ainda estava solteira e sem esperança de casar, porque a mãe lhe desfazia todos os casamentos, desgostando os namorados. Nem sabia como a irmã conseguira casar. E' porque o mano Alfredo era muito bom e não se importava com as pirraças da sogra. Tomara ella encontrar um assim para si...

— A menina não sabe o que diz reprehendeu a mãe com austeridade. Mal lhe fica fallar assim, ainda que o pense...

— Eu sou muito franca, interrompeu a filha, e logo a mãe atalhou.

— Indiscreta é que deve dizer; por mais vezes a tenho advertido. Tanta franqueza chega a ser grosseria.

— Principalmente quando digo que tenho trinta annos.

A D. Jesuina mordeu os beiços despeitada, e dirigindo-se a Clotilde com interesse.

— Mas a final o que ha de novo?

N'isto entrou no quarto a tia Eugenia, irmã da D. Jesuina e casada com o tio Pires, que mais o filho, ficavam no gabinete.

Clotilde lançou-se-lhe ao pescoço com um effusivo abraço que ia suffocando a pobre senhora, offegante da caminhada e da obesidade que lhe pesava.

— Muitos parabens, muitos parabens, articulava a custo a D. Eugenia, entre os braços da sobrinha.

— Descance, descance tia, disse Clotilde arrastando-a para uma cadeira.

A D. Eugenia quedou-se por alguns segundos a tomar folego e, depois de ter feito os seus cumprimentos, perguntou pelo marido de Clotilde.

— Está para o quarto respondeu, e para evitar mais explicações perguntou com interesse, se não tinha vindo o primo.

— Ficou no gabinete com o pae.

Clotilde, sem esperar mais, correu ao gabinetesinho, e abraçando o tio, menos effusivamente é verdade, dirigiu-se ao primo que, na precipitação de se levantar deixou cahir sobre a poltrona um papel dobrado que parecia ter occulto nas mangas ou nas mãos, sem que desse por isso.

— Já cá está, disse baixinho Clotilde apanhando o papel, mas tão rapido o fez que o primo não percebeu.

Ao tio Pires é que não escapou o movimento de Clotilde, e carregando a fronte, previu judiciosamente para comsigo «Deus queira que não venha d'aqui grande desgraça.» E na sua qualidade de procurador sabido, citou o artigo 1.204 do Codigo.

Clotilde continuou a meia voz.

— Encontrou, primo?

E o doutor sem perceber.

— Quem havia de eu encontrar?

— Já não se lembra da duvida em que ainda hontem ficámos?

— Sim, sim, agora percebo, desembuxou o doutor depois de matutar um momento. Custou-me muito; perdi quasi a noite por causa d'isso.

— E causar-lhe eu tantas vigilias.

— Pela prima tudo é bem empregado, atalhou galantemente o doutor, e procurava qualquer cousa que perdera ali mesmo.

— Sempre amavel, o primo. Mas que procura? interrogou Clotilde, dando uma piroeta de contente.

— O que lhe trazia.

— Já cá está, voltou Clotilde cada vez mais contente, e desappareceu pela porta do gabinete.

O primo, ainda sem perceber, continuou a procurar, e o velho Pires, que não tinha perdido um só momento d'aquella rapida scena, fingindo lêr um livro que tomara de sobre a secretaria, ia remoendo mentalmente «Artigo 1:204 do Codigo.»

(Continúa) *Caetano Alberto.*

NECROLOGIA

ALVES MATHEUS

Foi muito sentida em todo o paiz a morte do distincto orador sagrado o conego Alves Matheus.

Era uma das grandes individualidades do partido progressista, e um orador sagrado de grande brilho, dispondo de vasta erudição, impondo-se a sua correcta figura pelo agrado da presença tanto na tribuna parlamentar como na tribuna sagrada.

«Era uma alma de artista, grande, enorme em um corpo d'athleta, muscular e de rija tempera; alma limpida, cadinhada purissima no crisol da honestidade.»

Foi assim que synthetisou o caracter o sr. conego Nunes Ricca, e é esta mais completa e justa apreciação d'essa individualidade inconfundivel, que, *affirmando-se em nitido destaque nos bancos universitarios se revelou doutissima na cathedra de professor e avultou temido nas pugnas jornalisticas onde pelejou combates de verdade e de justiça.*

Joaquim Alves Matheus nasceu em Santa Comba Dão em 1835, formou-se em theologia na universidade de Coimbra, onde foi estudante distincto.

Ordenado presbytero, pouco depois era nomeado conego da Sé do Funchal, d'onde o transferiram em 1862 para a Sé de Braga.

No seminario conciliar exerceu algumas cadeiras occupando tambem o cargo de bibliothecario da bibliotheca publica da cidade de Braga, sendo, na penultima situação progressista nomeado thesoureiro-mór da mesma Sé.

Alves Matheus foi deputado progressista em successivas legislaturas e vigoroso jornalista, fundando no Porto, juntamente com o conego Figueiredo, o jornal *Partido Liberal*, que tinha um grande valor litterario e uma grande cotação politica.

Regista-se na carreira gloriosa d'aquelle jornal a dura polemica que Alves Matheus sustentou contra a *União Catholica*, revista religiosa de Braga, sobre o contestado patriotismo do arcebispo fr. Bartholomeu dos Martyres na questão dos direitos, allegados por parte de D. Filippe II de Hespanha, á corôa portugueza.

Como orador sagrado, onde se fez ouvir pelos mais distinctos auditorios do paiz, citam-se muitas das suas notaveis orações algumas das quaes correm impressas avulsas, notando-se em todas ellas uma linguagem primorosa e castiça.

Pena é que espalhadas em folhetos não possam ser reunidos em um só volume, é levado para as nossas bibliothecas publicas como dos mais soberbos thesouros da litteratura patria.

Entre esses sermões, maravilha de doutrinas e de erudição, citam-se: a *Oração Congratulatoria* no consorcio de S. S. M. M. El-Rei D. Luiz e a Senhora D. Maria Pia, na Sé do Porto em 1862; *Sermão de Nossa Senhora da Lapa*, Porto 1872; *Oração funebre*, de D. Pedro IV, Porto, 1860; *Oração funebre* de D. Pedro V, Porto, 1862; *Oração congratulatoria* do 1.º de dezembro, Braga, 1869; *Oração funebre* do marquez de Sá da Bandeira, 1876; *Oração funebre* de D. Luiz I; *Oração congratulatoria* no centenario do templo do Bom Jesus do Monte, ect.

Dos seus discursos parlamentares citam-se os pronunciados na camara dos deputados por occasião da crise cerealifera, em que combateu energicamente o regimen pautal; o discurso de estreia na camara dos pares, etc.

Além d'isto o illustre extincto escreveu em muitos jornaes e revistas sobre assumptos litterarios politicos e scientificos.

Na *Gazeta das Aldeias* ainda ha pouco Alves Matheus publicara um bello artigo sobre a morte de Leão XIII.

A ultima vez que o conego Alves Matheus prégou no Porto, regista o jornalista sr. dr. Eduardo de Sousa, n'um artigo consagrado ao notavel orador e publicado no *Diario da Tarde*, foi em 1886 na festa das Dôres dos Congregados, e a ultima vez que subiu ao pulpito foi na Sé de Braga, em 1892, a pedido muito instante do seu mestre da Universidade e seu amigo o fallecido arcebispo primaz D. Antonio de Freitas Honorato, por occasião da inauguração do congresso catholico n'aquella cidade. Foi uma prova suprema do seu alto talento e tino com que se houve na difficilima missão ao tempo em que estava em todo o seu apogeo a celebrada e hoje fallida expansão social da egreja.

O dr. Alves Matheus succumbiu aos estragos d'uma bronchite chronica, no dia 29 de agosto, na sua casa de Santa Comba, onde se encontrava a descançar dos afadigosos trabalhos em que por tantos annos se evidenciou como orador brilhantissimo, politico habil, jornalista vigoroso e escriptor distincto.

A sua perda é uma perda nacional e irremediavel, porque são infelizmente raros os talentos como o d'elle n'uma alma tão bem formada e de tão grande bondade e honradez como a sua.

BAPTISTA BORGES

A manifestação expontanea que acaba de ser prestada a Baptista Borges na occasião do seu passamento, e os testemunhos de condolencia que de toda a parte teem sido enviados á redacção do nosso collega *Diario de Noticias*, que perdeu n'elle um dos seus mais dedicados amigos e devotados cooperadores, mostram bem o grau de sympathia que todos lhe consagravam, e como de todos era estimado e querido.

Tendo sido a sua entrada no *Diario de Noticias* para um logar humilde, pelo trabalho se elevou até ao mais importante do jornal, a seu redactor.

Eduardo Coelho, esse espirito todo luz e todo bondade, que conhecendo de perto as agruras da vida, sabia avaliar e conhecer, como nenhum outro, os esforços e a força de vontade que precisam empregar os que não tendo protecção procuram sahir do nada á custa do seu trabalho, chamou a si Baptista Borges, educou-o, fel-o homem e deu-lhe onde ganhar a vida até que ella o abandonasse.

Não ha muitos exemplos d'estes, porque, infelizmente, não se encontram muitos homens de caracter, da franqueza, das virtudes, digamos assim, do inolvidavel fundador do *Diario de Noticias*.

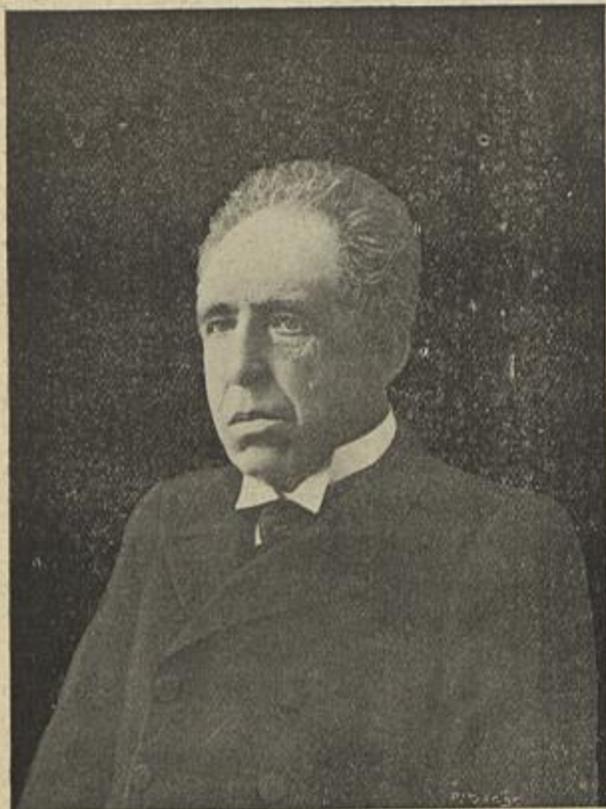
Mas tambem Baptista Borges foi-lhe grato até á morte.

No seu zelo, na sua dedicação pelos interesses do jornal, na adoração pelo protector e amigo que encontrara, no seu amor e estima pelos filhos de Eduardo Coelho, na amizade pelos collegas e empregados do *Diario de Noticias*, elle só deixava transparecer um sentimento, a gratidão, pela obra d'aquelle a quem devia tudo, e que amando-a era mais do que amal-o a elle, porque era querer ao que elle tanto queria.

Baptista Borges nasceu no concelho de Loural, districto de Evora, a 17 de junho de 1850.

A sua vida resumiu-se toda a trabalhar no *Diario de Noticias* para onde entrara ha perto de quarenta annos, tendo occupado diversos logares, onde serviu sempre com o mais inexcedivel zelo e dedicação.

Em 1870 entrara para a revisão do *Diario de Noticias*, de que era chefe Silva e Albuquerque, e ahi se conservou até 1872, em que lhe deram um logar na redacção.

Baptista Borges cursou a Academia de Bellas Artes, onde seguiu com aproveitamento os estudos, mostrando em alguns trabalhos raras apti-

ALVES MATHEUS

FALLECIDO EM 29 DE AGOSTO DE 1903

dões e vocação para a pintura e para o dezenho de figura e ornato.

Publicou em folhetins no *Diario de Noticias* um romance original com o titulo o *Rouxinol da Opera* e era auctor d'uma comedia com o titulo *O Filho de minha mulher*.

Tambem Baptista Borges algumas vezes nos mostrou uma magica em que andava trabalhando *O filho do pescador*, mas que nunca chegou a entrar em theatro algum, devido certamente aos atrictos que encontram todos os que começam aquella carreira, uma das mais productivas da nossa litteratura, mas tambem uma das mais assaltadas pelos syndicatos das *cotteries*.

Foi em outubro de 1901 que Baptista Borges soffreu a primeira investida da doença que o victimou a 9 do corrente.

Desde o fallecimento de Eduardo Coelho aquella alma ficára erma e só, como se a perda do seu amigo e protector lhe levasse a melhor porção da sua alma.

A sua alegria expansiva apagou-se muito, e pouco a pouco foi desapparecendo com a doença até que se extinguiu no tumulo.

JOÃO BAPTISTA BORGES

FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

PUBLICAÇÕES

O Grande Elias. — No dia 1 de outubro começará a publicar-se um novo semanario, que com o titulo que nos serve de epigraphe, vem a publico para tratar especialmente de assumptos theatraes, para o que já conta com a collaboração competentissima de Abel Botelho, Fernandes Costa, Manoel de Macedo, Eduardo de Noronha e outros escriptores de não menos incontestavel valor.

A propriedade do jornal, que será illustrado, é dos nossos amigos Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa, o primeiro nosso collega da *Mala da Europa* e os dois ultimos da Editora.

Agouramos-lhe uma longa vida.